



# NÃO PINTCHA

\* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO \*

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEF.: 3713/3726/3728

BISSAU



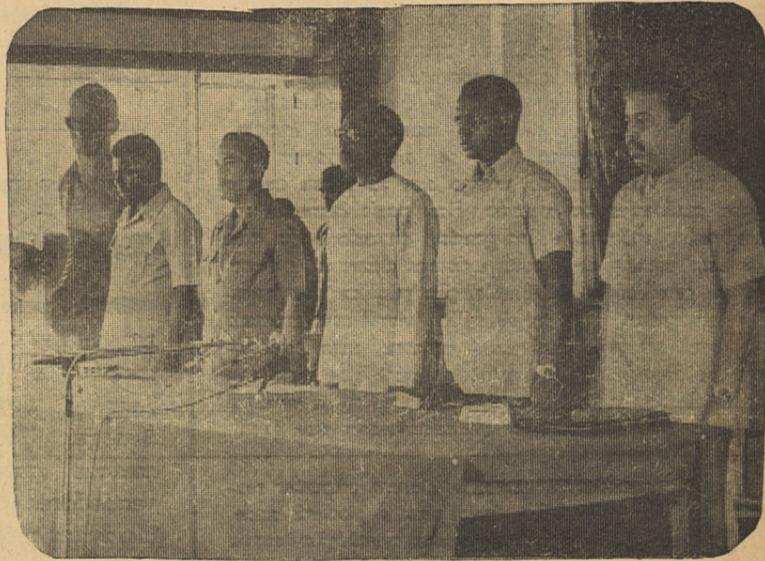
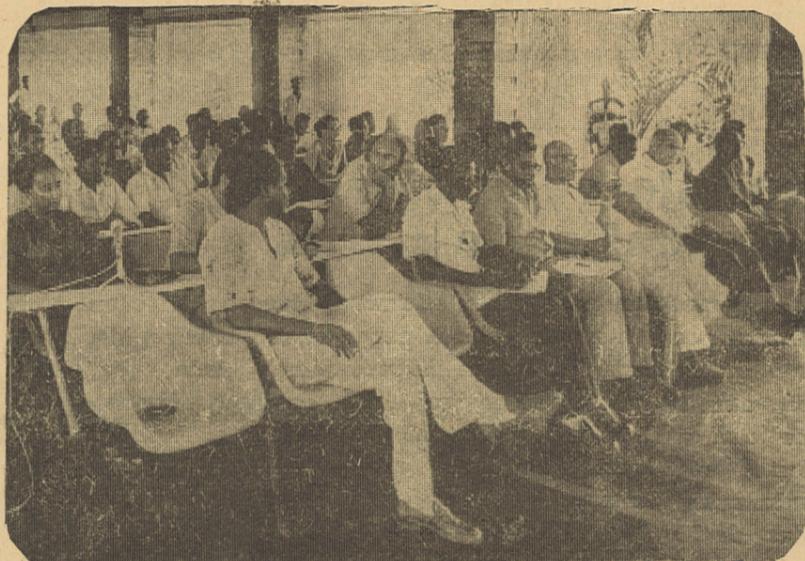
## Guiné-Bissau e Cabo Verde a 15 dias das festas Nacionais

A venda de rifas e lotaria em grande parte dos estabelecimentos comerciais da capital, nas ruas e no interior é um dos aspectos mais visíveis da actividade crescente com que se preparam as comemorações do XX Aniversário da Fundação do PAIGC.

A 15 dias apenas do início das grandiosas comemorações aumenta o trabalho das comissões que se encontram a funcionar por todo o país. Cabo Verde e das colónias guineenses e cabo-verdianas no estrangeiro.

As principais realizações concentram-se naturalmente em Bissau, onde deverão ocorrer até ao próximo dia 12 de Setembro mais de uma centena de delegações vindas praticamente de todas as partes do mundo. A vida da nossa capital vai conhecer durante as Festas de Setembro um ritmo desusado e, por isso, grande parte do esforço das sub-comissões das Festas se destina a proporcionar aos nossos hóspedes uma estadia agradável entre nós.

## PELA PRIMEIRA VEZ DESDE A LIBERTAÇÃO TOTAL DAS NOSSAS TERRAS O CONSELHO SUPERIOR DA LUTA ENCONTRA-SE REUNIDO EM BISSAU



A análise das actividades do nosso Partido e dos momentos mais significativos da história recente da Guiné e Cabo Verde, Constituiu, em sínteses, o relatório com que o Secretário-Geral do PAIGC, camarada Aristides Pereira, abriu solenemente a reunião do Conselho Superior da Luta que está a decorrer, desde ontem, em Bissau.

Eram 16 e 15min. quando o Secretário-Geral Aristides Pereira entrou no Salão Amílcar Cabral, da Associação Comercial Industrial e Agrícola da Guiné-Bissau, acompanhado pelos camaradas Luiz Cabral, Secretário-Geral Adjunto, Francisco Mendes, João Bernardo Vieira, ambos do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta do Partido e Pedro Pires, do CEL.

A sessão de abertura do órgão máximo do PAIGC, entre cada dois Congressos, iniciou-se com a chamada dos membros do Conselho Superior da Luta. Os 73, dos 85 membros do CSL, que se encontravam presentes, procederam seguidamente à discussão, e posterior aprovação da ordem dos trabalhos, finda a qual, o camarada Aristides Pereira iniciou a leitura do relatório geral do Conselho Superior da Luta.

É a primeira vez que o Conselho Superior da Luta do PAIGC se reúne após a libertação total das nossas terras. A adaptação das estruturas do Partido, «concebido para a luta», como acentuou o camarada Aristides Pereira à sua chegada a Bissau, para as tarefas impostas pela reconstrução nacional em dois países livres e independentes, que o PAIGC dirige politicamente, será uma das principais questões a debater durante a reunião do CSL.

## BAIRROS DE BISSAU UMA HERANÇA DO COLONIALISMO (4)

### ★ Cupelon

Nos últimos tempos do colonialismo, costumava-se dizer do Cupelon: é uma das bases mais fortes do Partido em Bissau. E o bairro era desaconselhado pelos tucas aos brancos que queriam aventurar-se numa caminhada por lá «É perigoso». Hoje, com oito mil moradores, Cupelon é um bairro igual a quase todos os bairros de Bissau. Os mesmos problemas, a mesma marginalização, dos outros que, como ele, formaram-se sem qualquer preocupação de planeamento, durante o período colonial. Com um agravante: muitas pessoas, da maioria muçulmanas, des preocupam-se com a tentativa de solução dos problemas, empreendida pelo Comité. «Deus (ou o Partido) resolverá».



## NAMÍBIA A OUA apoia a SWAPO

DAR-ES-SALAM (AFP) — O Comité de Libertação da OUA assegura o seu apoio à Swapo e ao povo namibio, até à vitória final na Namíbia, declarou, em Dar-Es-Salam, o coronel Hashim Mbita durante uma cerimónia solene assinalando o décimo aniversário do início da luta de libertação na Namíbia.

Todos os países livres de África, acrescentou, apoiam a Swapo.



## Pedro Pires no nosso país

O Primeiro-Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, chegou ontem de manhã a Bissau para participar na reunião do Conselho Superior da Luta. O chefe do Governo caboverdiano era acompanhado pelo ministro dos Transportes do país irmão, camarada Herculano Vieira, tendo sido recebido no aeroporto de Bissau pelo camarada Francisco Mendes, Comissário Principal, e outros dirigentes do Partido e do Estado.

### As crianças e os candeeiros de iluminação com fios expostos

«As crianças são a sublimidade da criação, o encanto da Natureza, a maravilha do mundo, — são enfim, algo tão belo e glorioso que constituem a razão mais íntima de viver de todos os pais». Eu, pessoalmente, adoro as crianças e com elas gosto muito de brincar, de conversar, de passear por aí fora...

Toda a gente conhece também aquele velho ditado que diz que «das crianças até o diabo tem medo» e aquele outro que «ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo», querendo significar com isso que às crianças nada pode acontecer de mal durante as traquinices. Na verdade, elas às vezes, metem-se em cada brincadeira perigosa sem que nada lhes aconteça, que aos adultos quase lhes apetece acreditar que, na verdade, nada de mal pode suceder a um menino.

Por toda a Bissau, nos jardins, nas ruas, nas escolas, enfim, por toda a parte se vêem constantemente inúmeras crianças a brincar, a passear, a estudar. Meninos em autênticos bandos chilreiam despreocupadamente quais avezinhas, inocente e candidamente, numa alegria verdadeira e incontida, numa homenagem à vida, que até faz os adultos descerem um pouco do mundo de lutas e trabalhos onde vivem, para também, por um pouco de tempo, voltarem a ser crianças como elas.

É por isso que eu, que costumo passear com as crianças sempre que disponho de tempo, que com elas vou para os jardins e outros sítios, que conheço bem a sua candura, inteligência, inocência e desprendimento, que sei bem quanto elas não têm noção real do perigo que as possa cercar e das maldades do mundo, fico positivamente assombrado, atônito e indignado, quando vejo que por esta cidade de Bissau existem dezenas e dezenas de candeeiros de iluminação pública totalmente esventrados, com os seus fios terríficos, mortais e os seus terríveis fusíveis à mostra, num pseudo-convite medonho e monstruoso para que uma das nossas tão queridas e inocentes flores meta lá uma das suas mãozinhas, com conseqüências que facilmente se adivinham.

E se isso suceder, a quem se devem imputar responsabilidades? — Não, isso jamais poderá suceder. Por amor das flores da nossa revolução, estou bem certo de que o meu apelo fará eco imediato junto de quem do direito e que em breve se porá a cobro a qualquer coisa que também se poderia chamar como uma aberração, uma nódoa na cidade, — a bem de todos e das crianças de todos nós, as quais são as maravilhas do universo e a esperança de um Mundo melhor amanhã.»

### Camioes e câmaras frigoríficas para as empresas pesqueiras da Guiné-Bissau



Durante a estadia na União Soviética do camarada Otto Schacht, do Comité Executivo de Luta do Partido e Comissário de Estado das Comunicações e Transportes, para tratar assuntos relacionados com a pesca na Guiné-Bissau, foram discutidos problemas de infra-estrutura costeira que implicam a construção terrestre de câmaras frigo-

ríficas e a aquisição de camioes frigoríficos. Segundo os planos, dentro de seis meses estará a funcionar em Bissau uma câmara com a capacidade de 500 toneladas. Nas reuniões com os representantes soviéticos, explica o Comissário, «conseguimos baixar as taxas cobradas pelo aluguer dos barcos que a Estrela do Mar utiliza. Discutimos muito a questão da assistência técnica porque os materiais que compoem os barcos têm que ser manejados por especialistas soviéticos. Sobre estes problemas tivemos boa compreensão por parte dos camaradas representantes da União Soviética».

Numa análise dos resultados obtidos na viagem, o camarada Otto Schacht referiu-se à assinatura do protocolo de novos acordos para garantir a realização de todos esses projectos.

Os camioes em princípio devem ter uma capacidade de cinco a oito toneladas. Serão propriedade da Sociedade Estrela do Mar. Esta empresa deve pagar a longo prazo o custo dos camioes.

— A nossa missão à União Soviética encontra-se enquadrada no desenvolvimento da sociedade mista de pesca, Estrela do Mar. Ela é uma sociedade entre o nosso Estado, representado através do Comissariado das Comunicações e Transportes, e a União Soviética representada pelo Ministério de Pesca — Sofiflot.

Depois de terem sido estudado aqui os planos para o desenvolvimento e os projectos para o próximo ano, segundo Otto Schacht, «chegou-se à conclusão que realmente seria útil a viagem, a fim de discutir e esclarecer vários aspectos relacionados com a pesca no país. Ainda sobre a as-

sistência técnica especializada, isso punha-nos um problema de importação de mão de obra especializada da parte soviética.

Além de pagar as passagens, tínhamos também que pagar uma certa quantia aos especialistas. Portanto, os problemas deviam ser estudados em profundidade para que as soluções encontradas, e as decisões a serem tomadas, pudessem permitir o desenvolvimento da Estrela do Mar».

Segundo o Comissário, essas discussões de problemas concretos deverão ser feitas aqui também, entre os directores das sociedades de pesca que funcionam na Guiné-Bissau.

Outro assunto importante, a criação da Naguicave — Companhia Nacional de Transportes Marítimos Guiné-Cabo Verde — já divulgada, está a ser tratado pelo Comissariado.

### Três vendedores ambulantes presos por trafico de moedas

Três pessoas foram presas nesta semana por motivo idêntico: tráfico ilegal de divisas para o Senegal. Todos têm a mesma profissão, são vendedores ambulantes. Levavam moedas, de 10 e 20 pesos, para Dakar, onde vendiam a ourives que possuem pequenas oficinas. Estes, derretem as moedas e aproveitam a percentagem de prata, que é mais de 50 por cen-

to, para fazer adornos. Os presos estão à disposição da Justiça. Já prestaram depoimentos e foi instituído o processo. Deverão aguardar julgamento.

A polícia, informada por um homem que conhecia a actividade dos vendedores ambulantes, descobriu quantidades grandes de moedas escondidas na casa de dois deles. O outro já havia enviado o dinheiro pela fronteira. Todos eles sa-

biam do risco que corriam. Lamine Mané, 34 anos, tinha 4480 pesos em moedas, prontos para serem traficados. Baba Samba Daramé, 41 anos, tinha 5 mil pesos.

Nadi Cancó, 46 anos, já não tinha moedas escondidas em casa. Mas, confessou que em Outubro do ano passado, levou 1200 pesos numa viagem para o Senegal. Conseguiu bons lucros: «No primeiro negócio, vi que rendia bastante. Na

segunda vez, levei 3 mil pesos».

Na polícia, Mamadú confessou que ia levar moedas pela segunda vez para fora do país. Na primeira, não teve problemas. Daramé, surpreendido na sua casa, em Mansoa, com moedas escondidas, já havia também, anteriormente, enviado mil pesos para o exterior, sem ser descoberto no controle das estradas. Desta vez, pretendia levar a mesma importância.

### RESPONDE O POVO

#### Habito de leitura — 2

Cinco séculos de colonialismo marcaram profundamente a história da Guiné-Bissau, impediram o desenvolvimento económico e social. Além disso, a presença portuguesa deixou conseqüências, graves na realidade cultural do País: mais de 95 por cento da população é analfabeta.

Um reflexo directo desse facto é a ausência de quadros técnicos intelectuais, e de funcionários intermediários. Várias gerações de guineenses foram condicionadas pelas limitações do colonialismo e ainda hoje, dois anos após a entrada do Partido em Bissau, são enfrentadas várias dificuldades devido à falta de pessoal preparado para exercer funções de que o Estado necessita. Um dos objectivos principais do PAIGC é criar mais escolas para o povo. Mas os estudantes ainda não desenvolveram o hábito da leitura. E, sem livros, pouco adianta frequentar a escola. Só através do estudo sistemático os guineenses poderão alcançar o nível dos técnicos estrangeiros. Por isso precisam adquirir o hábito da leitura, e a maioria ainda não começou. Três estudantes falam sobre a leitura que fazem.

Hélia Santos, 22 anos, estudante professora: «Gosto imenso de ler romances e jornais. Leio todas as edições de NÓ PINTCHA e alguns jornais portugueses. Não consigo dormir sem

ler uma página de um livro ou uma notícia do jornal. Já é um hábito. Já li muitos romances e não sou capaz de inumerar todos mas, não me esqueço de um que eu li há já bastantes anos que é Pappillon, de Henri Charrière. Antigamente comprava os meus livros ou na Casa Mendes ou na Didactica. A maior parte dos jovens aqui na Guiné não gosta de ler. Se lêem não sabem fazer uma selecção da leitura. Eu ainda tenho alguns livros que já tinha comprado há muito tempo e empresto aos meus amigos para irem lendo.»

Jorge Ramos, 18 anos, estudante: «Para dizer a verdade, não gosto muito de ler. Mas isso não significa que eu não leia. Há uns anos gostava mais de ler do que agora. Gastava sempre o meu dinheiro em revistas desportivas e jornais desportivos. Agora essas revistas não vêm para a Guiné, segundo me disseram é por causa das transferências. Por isso agora quando aparece alguns livros leio. Os livros que estão à venda aqui em Bissau são de facto bastante interessantes mas não são suficientes para os jovens que necessitam de ler muito. No Liceu tínhamos uma pequena biblioteca on-

de os alunos poderiam passar a maior parte do tempo mas, não houve a participação dos alunos para estarem lá a tomar conta. Tive que fechar. Penso que para o ano todos os alunos deviam dar uma certa quantia em dinheiro para se mandar comprar livros em Portugal. Este ano houve muita falta de livros para consulta. Isso dificultou-nos bastante.»

Hermínia Barros, 19 anos, estudante: «Dos livros que já li posso dizer que gostei de «O padrinho» de Mário Puzo, «Confissões de Nat Turner» de William Styron, e «Os cavalos também se abatem» de Horace McCoy. Sempre que não tenho nada para ler, volto a repetir esses livros. Nunca

gostei de ler fotonovela. Quando era mais nova ainda lia algumas. A minha mãe um dia apanhou-me a ler uma fotonovela, bateu-me e nunca mais as li. Mais tarde é que vi que essas revistas até não têm interesse. Não ensinam nada. Há uma grande falta de livros na nossa terra. Nós, como um país que foi dominado durante muitos anos, temos uma grande necessidade de ler.

O que os colonialistas nos ensinaram a ler foram coisas irreais ou mentiras. Agora estamos na altura de saber a verdade. Devemos evitar os livros de Cowboy e os do Tio Patinhas. Devemos ler livros que nos ensinam várias coisas úteis para a nossa vida.

Sessão extraordinária do Conselho de Ministros:

# Medidas para garantir o abastecimento de água à Ilha de S. Vicente

O Conselho de Ministros de Cabo Verde, reunido em sessão extraordinária, presidida pelo chefe de Estado, camarada Aristides Pereira, analisou profundamente a questão do abastecimento de água à cidade do Mindelo, em S. Vicente e, nomeadamente, a recente paralização da Junta Autónoma das Instalações de Dessalinização de Água (JAIDA), que deixou a população sem água durante dias.

Considerando a gravidade dessa situação que impôs à população de S. Vicente pesados sacrifícios;

Considerando que a importância do funcionamento normal dos serviços vitais para a população, como são os serviços de produção e distribuição de água, exige o apuramento de responsabilidades em caso de paralização ou de demora na solução de problemas que os possam afectar;

O Conselho de ministros reunido em sessão extraordinária, sob a presidência do chefe de Estado, camarada Aristides Pereira, decidiu:

a) Realçar a forma digna como a população de S. Vicente encarou os sacrifícios que teve de enfrentar nessa emergência;

b) Nomear uma comissão de inquérito para apurar, no mais breve espaço de tempo, os motivos e as responsabilidades que conduziram à paralização da produção e distribuição de água de 8 a 14 do corrente mês de Agosto;

c) Tomar medidas imediatas de procura de novos mercados, com vista à constituição de um stock de ácido sulfúrico que garanta o normal funcionamento da JAIDA;

d) Prosseguir os esforços empreendidos no sentido de garantir, a médio e a longo prazos, um melhor aprovisionamento de água a S. Vicente, quer por uma reparação geral das instalações de dessalinização com maior capacidade de produção e superior rentabilidade;

e) Recomendar a todos os departamentos do Estado que dêem a maior colaboração ao Ministério da Agricultura e Águas, de modo a ser possível iniciar-se com a máxima brevidade a pesquisa de águas subterráneas em S. Vicente;

f) Ordenar o aceleração dos trabalhos de reparação dos barcos destinados ao transporte de água da ilha de S. Antão para a cidade do Mindelo.

## ARISTIDES PEREIRA EM S. VICENTE

Entretanto, o camarada Aristides Pereira deslocou-se a S. Vicente, tendo, em entrevista concedida à Rádio Voz de S. Vicente, focado o programa da falta de água e as medidas tomadas a esse respeito pelo Conselho do Governo:

«Devo dizer, como é já seguramente do conhecimento público, que a necessidade que provocou a falta de água durante uma semana, à população da cidade, mereceu da parte do nosso Governo uma reunião extraordinária do Conselho de ministros, de onde saí-

ram várias decisões tendentes a normalizar o mais rapidamente possível a vida da população e ainda a garantir e reforçar esta normalização, abrindo também perspectivas de uma melhoria neste sector vital para a cidade do Mindelo.

Apesar de já ter estado há dias em S. Vicente um membro do Governo, de quem depende directamente o departamento que se ocupa do problema da água, o nosso Governo, pensa que todo ele, em bloco, tem contas a dar ao nosso povo por tudo quanto acontece na vida pública, particularmente quando se produzem factos como o ocorrido que impõem um verdadeiro estado de emergência, exigindo grandes sacrifícios à população.

Devo dizer que não venho a S. Vicente apresentar justificações, nem desculpa para uma falha desse género. Unicamente, podemos admitir que tal incidente se possa produzir, possa acontecer, mas repito, não há desculpas nem justificações.

Assim quero reafirmar em nome do nosso Partido e do nosso Governo, a nossa admiração e respeito pela forma digna, corajosa e até heróica como a valorosa população de S. Vicente encarou os duros sacrifícios que teve de enfrentar durante esses dias sem água, demonstrando assim toda a confiança que deposita na nossa equipa governamental.

A seguir, o camarada Aristides Pereira analisou as decisões tomadas pelo Conselho de Ministros, contida no comunicado que transcrevemos, salientando as medidas para normalizar e melhorar a situação.

Ainda sobre este problema de água, pensamos que não o encaramos como resolvido, apesar de todas as medidas preconizadas por esta sessão extraordinária do Conselho de Ministros. Estamos dispostos a seguir de perto a maneira como vão ser cumpridas essas decisões e a prestar a maior atenção para que nunca mais se produzam incidentes desse género que implicam enorme sacrifícios para a nossa po-

pulação.

Não consideramos este sacrifício da população de S. Vicente inútil, na medida em que provou, quer aos nossos amigos, quer e especialmente aos nossos inimigos, que temos aqui uma população com tradições extraordinárias de luta e patriotismo, que, mesmo diante de dificuldades desse género, quer dizer, quase o sacrifício máximo que se pode exigir a qualquer pessoa, manteve toda uma posição de firmeza e de dignidade, que se pode registar como mais uma prova de patriotismo e de civismo da população de S. Vicente. Isso, evidentemente, implica para nós da equipa governamental muitas mais responsabilidades perante essa mesma população e, portanto, não podemos de maneira alguma falhar em tudo aquilo que possamos ter prometido, ou seja, cumprir o nosso dever para normalizar a vida aqui em S. Vicente».

## Santo Antão: Primeiro julgamento popular

Reuniu-se no passado dia 19, no Salão do Conselho Deliberativo de Paúl, em Santo Antão, um tribunal de zona a fim de efectuar o seu primeiro julgamento. O acontecimento a atenção à população em geral, que se manifestou curiosa de ver na prática a realização de uma verdadeira justiça feita pelo próprio povo, em sua defesa.

Efectivamente, foram julgados nesse dia dois indivíduos sendo o primeiro acusado de ter provocado desordens e agredido uma pessoa à paulada, pelo que o Tribunal Popular o condenou com a pena de indemnização de 700\$00, correspondente a dez dias de trabalho. Foi-lhe exigido também o custeamento dos gastos médicos pelo agredido.

O segundo réu condenado pelo mesmo tribunal como agente de desordens, foi igualmente condenado com multa de 200\$00. Assistiram ao acto os camaradas da Administração Interna, Juiz e Delegado do Tribunal Sub-Regional e vários funcionários.



## Amílcar Cabral

### A luta de libertação dos povos coloniais é o motor principal da história nos nossos dias

Privado das fontes de matérias primas e dos super-lucros, o capital financeiro alemão, aliado ao italiano e ao japonês, tentou resolver o problema pela via mais curta: colonizar os seus próprios vizinhos europeus. A Segunda Guerra Mundial foi o resultado dos antagonistas que caracterizam o desenvolvimento do imperialismo, mas veio influenciar de forma decisiva o destino dos povos, principalmente o dos povos africanos. Simultaneamente com o reforço do campo socialista — outra característica essencial do nosso tempo — os povos dependentes despertam para a luta de libertação e iniciou-se assim a fase final da liquidação do imperialismo. A solução definitiva desse novo conflito pode demorar mais ou menos tempo, mas não há dúvida que, mais do que a luta de classes nos países capitalistas e o antagonismo entre esses países e o mundo socialista, a luta de libertação dos povos coloniais é a característica essencial, diremos mesmo o motor principal do avanço da história nos nossos dias; é nessa luta, nesse conflito, que se desenrola em três continentes, que se integra a nossa luta de libertação nacional contra o colonialismo português.

Face à potência das principais nações imperialistas, não podemos deixar de perguntar como foi possível a Portugal, país subdesenvolvido e atrasado, manter as suas colónias apesar da partilha de que o mundo foi alvo.

O colonialismo português conseguiu sobreviver, apesar da partilha de África realizada pelas potências imperialistas no fim do século XIX, porque a Grã-Bretanha apoiou as ambições de Portugal, principalmente depois do tratado de Methuen (1703) se transformou numa semi-colónia britânica.

A Grã-Bretanha tinha interesse em servir-se das colónias portuguesas, não apenas para explorar os recursos económicos, mas também para as ocupar como bases, de apoio no caminho do Oriente, mantendo assim um domínio absoluto no Oceano Índico.

Para contrariar a cobiça das outras potências colonialistas e defender os seus interesses em relação às colónias portuguesas, a Grã-Bretanha descobriu a melhor solução: defendeu os «direitos» da sua semi-colónia. É por isso que, por exemplo, Portugal concedeu a uma empresa privada, dominada pelos interesses britânicos, os direitos absolutos sobre uma superfície correspondente a 17% do território de Moçambique. É por isso que, antes da Segunda Guerra Mundial, o total dos investimentos britânicos nas colónias portuguesas era avaliado em mais de vinte e cinco milhões de libras esterlinas.

A prostituição dos países africanos que domina foi uma prática vulgar na política colonial de Portugal face aos interesses imperialistas. Só com o apoio desses interesses o colonialismo português conseguiu sobreviver em África.

★ Relatório geral sobre a luta de libertação nacional apresentado na Conferência das Organizações Nacionalistas da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde, realizada em Dakar de 12 a 14 de Julho de 1961.

## Corsino Fortes embaixador em França

O camarada Corsino Fortes entregou ao Presidente da República francesa, Giscard d'Estaing, na quarta-feira à tarde, no Palácio do Eliseu, as cartas credenciais que o acreditam como embaixador de Cabo Verde em França.

O Presidente francês assegurou ao camarada Corsino Fortes que a França está pronta a prosseguir na sua contribuição ao desenvolvimento do país «nos domínios técnicos e culturais que correspondam às prioridades fixadas pelo vosso governo».

Corsino Fortes é igualmente embaixador do país irmão em Portugal.

Nos últimos anos do colonialismo, dizia-se do Cupelon: «É a única base do PAIGC em Bissau». Hoje, diz-se que é um dos bairros mais miseráveis da capital. As oito mil pessoas que moram lá sabem disso.

Entre as avenidas da Unidade Africana e Corca Sô e as estradas da Granja de Pessubé e de Santa Luzia, esconde-se um amontoado de casas cobertas de palha e zinco, expostas à chuva e aos mosquitos. Nas ruas esburacadas e sujas move-se gente que da cidade asfaltada conhece apenas o caminho para o mercado, para o hospital, as bichas das repartições públicas. São os habitantes do «Pilum». A Estrada da Cintura, alguns metros de alcatrão e luz eléctrica, separando o «Pilum de Ribá» do «Pilum de Baixo», dividem apenas a miséria em duas partes iguais. De cada lado, um comité de bairro, uma delegação da JAAC, uma loja do povo quase sempre vazia, as mesmas tradições muçulmanas, os mesmos problemas, e a mesma crença de que Deus (ou o Partido) resolverá.

O dia nasce cedo no «Pilum». Mal o sol desponta, a vida começa a fervilhar no bairro. As mulheres são as primeiras a levantar-se. Ou porque o filho mais pequeno se impacienta pela mama, ou porque são horas de pegar no balaio de mancarra ou dos cuscus e tentar fazer negócios na feira. Pouco depois, os homens aproximam da luz as máquinas de costura e começam o trabalho, de acordo com as encomendas dos clientes. Os que se dedicam ao pequeno comércio, colocam as bancas de venda em frente da porta e vão conversando com os vizinhos. Quando alguém passa e mostra curiosidade pela mercadoria, oferecem os maços de cigarros, as nozes de cola.

Ao mesmo tempo, começa a verificar-se um certo movimento para o exterior. São as crianças que partem para a escola, os jovens que se dirigem ao liceu com os livros debaixo do braço e um ar de quem já pouco tem a ver com o bairro. Os trabalhadores tomam o caminho do porto, das lojas do centro da cidade ou de algum prédio em construção. Saem cedo de casa, porque têm de percorrer grandes distâncias a pé, sobretudo quando o autocarro passa completamente cheio ou não há dinheiro para o bilhete.

Às oito e meia abrem as lojas dos mauritanianos e as duas lojas do povo. A essa hora, já as mulheres acarretaram água suficiente para lavarem a roupa em frente das casas. Miúdos nús correm atrás dos cães e dos porcos ou divertem-se a tomar banho sob as torneiras públicas.

A manhã passa depressa, calma. A chegada dos miúdos da escola não perturba. Eles comem alguma coisa e vão brincar para a rua. Mas, em geral, é só ao princípio ou meio da tarde, quando as mulheres chegam do mercado, que a família toma a refeição do dia. Em muitas casas, comem todos da mesma grande malga comum, tirando o arroz com as mãos. Arroz temperado com óleo de palma. Quando há carne (de vaca) ou peixe é uma

feita para o estômago.

Depois do almoço, alguns homens já não voltam a pegar na costura. Preferem recostar-se numa cadeira e ficar assim até ao anoitecer, de terço entre os dedos. Os empregados continuam agarrados à máquina até completarem as oito horas de trabalho. O mesmo acontece nas carpintarias e nas lojas.

As mulheres ocupam o resto da tarde a cozinhar (para o dia seguinte), a preparar bolos para vender, a torrar castanha de cajú ou a cuidar da horta. As mulheres mancanhas têm o hábito de praticar culturas hortícolas num pequeno terreno anexo à casa. Aí crescem couves, nabos, alfaces, um ou outro pé de milho. Mal a hortaliça desponta, vão vendê-la ao mercado. Com o dinheiro compram arroz ou, se estão mais abonadas, um pano garrido para um vestido. Cedo se levantam, cedo se deitam. A falta de iluminação no bairro não convida a grandes serões. No Verão, ainda ficam algum tempo a conversar diante da casa. Mas na estação húmida, chuva e mosquitos não sugerem o convívio. Cerca das 9 h, fecham-se as portas de quase todas as habitações. Até ao amanhecer do dia seguinte, somente o choro de alguma criança doente ou os latidos dos cães perturbam a calma do bairro. Dir-se-ia o sono de um bairro sem problemas.

#### «O PRESIDENTE É QUE SABE»

O camarada Mandú Biaí, presidente do Comité do Bairro do Cupelon de Cima, afirma: «Problemas é o que mais temos. Está quase tudo por resolver». O presidente do comité do Cupelon de Baixo camarada Sana Camará, tem a mesma opinião. E a população também.

O bairro debate-se com enormes dificuldades. É difícil saber por onde começar. Se as tarefas da educação são urgentes, as da saúde não o são menos. E uma e outra dependem da resolução prévia de factores materiais que transcendem o bairro. Além de que

a população não está habituada a decidir. «O presidente é que sabe», respondem várias pessoas a qualquer pergunta sobre as dificuldades do seu dia-a-dia e as formas de as superar.

Os dirigentes locais, por sua vez, ainda não adquiriram a ousadia necessária para tomar determinações iniciativas que estão nas suas mãos. E os problemas acumulam-se, tornam-se mais complicados, a sua resolução acaba por ser mais dispendiosa em energias humanas e meios materiais.

Antigos militantes na luta clandestina, gente que sofreu prisões, torturas e deportações, estes dirigentes não desistem, mas acomodam-se à ideia de que já não será no seu tempo que serão colhidos os frutos da revolução. Em que tempo, então? No dos seus filhos, hoje meninos e meninas de escola.

Justamente as crianças são a grande responsabilidade dos adultos. Mandú Biaí: «Morrem muitas crianças. Sobretudo com paludismo». E o seu ar é de tristeza e desânimo. Como se apanhar paludismo e morrer disso fosse uma fatalidade a que as pessoas não podem fugir. Muita gente do bairro ainda pensa assim. Por isso, não tem o cuidado de prevenir a doença, nem sabe como.

Para o presidente do comité de Cupelon de Cima, a única solução seria colocar mosquiteiros em todas as casas. Mas nem toda a gente tem condições para isso. Com as chuvas e a imundície, os mosquitos desenvolvem-se. As febres são frequentes. Mal alimentadas, sem energias para suportar a doença, as crianças são as primeiras vítimas.

«O ano passado, uma brigada da Missão do Sono andou a espalhar insecticida no bairro. Mas este ano ainda não chegou. Estamos à espera...». E enquanto se espera, as pessoas vão adoecendo. Na mesquita do Cupelon de Baixo, distribuem-se antipalúdicos gratuitamente uma vez por semana. Mas pouca gente do Cupelon de Cima aparece. «A gente

farta-se de recomendar, nas reuniões, que tomem os comprimidos. Mas há pessoas que têm a cabeça dura...».

Atacadas pela doença, as pessoas não podem socorrer-se dos cuidados imediatos de um posto sanitário. Não existe nenhum no bairro. Nunca existiu. Não há casa para o instalar, nem meios para o pôr a funcionar. Quando alguém adoece com certa gravidade, tem de recorrer ao hospital. Mas o hospital fica longe e a assistência não é tão rápida e tão eficiente como seria necessário. Por isso só em último recurso, depois de esgotarem em vão os métodos tradicionais, as pessoas vão ao hospital. É demasiado complicado. Não há transportes públicos dentro do bairro e, quando chove, a acumulação de água nos buracos da rua impede a entrada dos carros. Os doentes que não conseguem mover-se pelos seus próprios meios são carregados em ombros até à estrada. Ali, têm de esperar a passagem miraculosa de algum táxi. O tempo passa, a chuva encharca os ossos. Quando chegam ao hospital ainda têm de esperar, horas e horas. Por vezes acontece que quando um doente final-

mente é atendido pelo médico, já é demasiado tarde.

#### TRADIÇÃO AINDA É LEI

Mandú Biaí inquieta-se com os problemas da saúde. Acha que é um dos mais graves do bairro. A decisão do Governo de acabar com a medicina gratuita foi compreendida pelo povo, mas não deixa, por isso, de ter consequências graves. «Há pessoas que correm para o hospital aflitas, sem dinheiro. Os encarregados deviam compreender e não se limitar a mandá-las embora, quando verificam que o seu estado é grave».

A doença e a morte são fenómenos triviais nos bairros pobres. A má alimentação, as deficientes condições de higiene não permitem milagres. Mal acaba de nascer, uma criança tem de travar uma luta sem tréguas com as condições hostis do meio que a rodeia. Se é forte, escapa. Se é fraca, perde-se. A questão é tão vulgar que não chega a constituir um drama. As famílias têm demasiados filhos para se preocuparem muito quando um dos mais pequenos morre. Choram-no, mas depressa o substituem.

As muçulmanas não querem ouvir falar de contra-

cepção. Os homens são menos. Um diz: «Na nossa religião, nunca serão admitidas essas coisas». O ato é tolerado, desde que não seja feito às escondidas. O que significa: em péssimas condições morais e físicas. «Nós não sabemos dessas coisas, é lá com as mulheres», declara o presidente do Cupelon de Baixo, dizendo-se homem.

Como a poligamia existe, as famílias são, em geral, muito numerosas. Na mesma casa chegam a viver 40 pessoas, embora a média seja de 12, 14 pessoas por casa. O presidente do comité do Cupelon de Cima queixa-se que, com apenas 37 anos, já tem 10 filhos a sustentar. «Minhas duas mulheres», confessa, «clarece. Banir a poligamia dos seus hábitos está, para estes homens agarrados à sua religião tradicional, fora de questão. Ter muitas mulheres é, de resto, uma questão de prestígio. Os homens não se distinguem os uns dos outros, têm algum poder económico dos que nada têm».

«Ter muitas mulheres da natureza do homem assegura Sana Camará. Muitas mulheres, qual a sua natureza? «O destino das mulheres é darem-nos filhos», conclui.

# nos últimos a a base do PAIGC



# Cupelon: anos da luta mais forte na capital

As meninas que hoje vão à escola talvez um dia reusessem este destino a que os seus pais chamam natural. Hoje estão na dependência dos pais, das tradições, das leis ancestrais, e não conhecem alternativa à sua condição. Às que estão quase a atingir a puberdade, os pais preparam-nas já para o «fanado». A cerimónia, tal como a circuncisão dos rapazes, será nas férias escolares, a fim de não perturbarem os estudos. Os ritos durarão um mês, durante o qual as crianças são afastadas do convívio familiar e mantidas colectivamente numa casa. Quando saíem já não serão meninas, mas sim mulheres prontas para o casamento, e para o sofrimento dos partos consecutivos. Nesse dia, para assinalar a transformação, a população do bairro reúne-se numa festa.

«Há países como o Mali e o Senegal onde as meninas não vão ao «fanado». Nós, aqui, mantemos esse costume. No dia em que desaparecer, os muçulmanos deixarão de ser muçulmanos». Estas palavras, do presidente do comité do Cupelon de Baixo, revelam a força dos costumes tradicionais. Somente uma for-

te campanha de mentalização política, que ainda não começou, será capaz de os extirpar. Revelam também o conflito entre o antigo e o novo, entre a idade da magia e a da razão. Os mais velhos, instalados nas suas crenças e convicções, já não são vulneráveis a estes problemas. Mas os mais jovens começam a colocá-los. O bairro começa a ser agitado por um conflito de gerações.

«Ainda há pais que se recusam a deixar as filhas vir às reuniões do comité. As mães são mais tolerantes, mas certos pais, só com uma campanha de esclarecimento persistente, é que se deixam convencer». Esta afirmação é do camarada Braima Quecuta Mané, responsável da JAAC no Cupelon de Cima. Ele explica: «Uma ou outra vez aconteceu uma menina pedir autorização para ir à reunião e ir para um baile. Essa menina apareceu grávida. Os pais invocam esse caso isolado para não deixarem as filhas participar nas actividades do bairro».

## POUCAS ESCOLAS

Hoje, as meninas já vão à escola. Não em número tão elevado como os rapazes, mas vão. As indicações do Partido e do Estado neste capítulo têm sido precisas: que todas as crianças frequentem a escola. Mas não bastam as palavras de ordem. No bairro colocam-se problemas concretos que as palavras não resolvem. Por exemplo: faltam escolas.

No Cupelon de Baixo há um grande edifício onde mais de mil alunos recebem a instrução primária, da primeira à quarta classe. É a Escola Che Guevara. Tem aulas diurnas, para crianças, e nocturnas, para adultos. É a única escola oficial existente em todo o bairro e está longe de chegar para todas as crianças. Para atenuar o problema, os comités tentaram criar as suas próprias escolas. Chamaram estudantes do liceu para ensinar. Deu certo apenas no princípio. De tal modo que, no comité do Cupelon de Baixo, não há hoje uma única aula que funcione.

«Os jovens não se inte-

ressaram. Alguns só vieram quando lhes prometeram que iam ter bolsas de estudo. Estiveram um mês e foram embora. Não querem fazer nada. E, se os do bairro não querem ajudar, o Estado também não tem que mandar para aqui professores». Esta é opinião do presidente, a quem a «malvadez» dos jovens enche de indignação. Um militante da JAAC local garantiu que o problema não era de «malvadez», mas sim de falta de mobilização. Seja como for, há muitas crianças do Cupelon de Baixo que não recebem instrução por falta de escolas.

No Comité do Cupelon de Cima continuam a funcionar aulas de alfabetização e de instrução primária, da primeira à terceira classe. Penosamente. Também nesse caso os professores improvisados vão desistindo. Braima Mané, que além de responsável da JAAC é professor na escola do comité, explica: «Desistem porque lhes prometeram uma compensação e depois não cumpriram».

De qualquer modo, era necessária, pelo menos, mais uma boa escola no bairro. Mandú Biá diz que está farto de pedir nas reuniões do comité regional. Mas, o Estado não pode arcar com tal despesa, respondem. Perante isso, resolveu-se que a própria população do Cupelon de Cima tomava a iniciativa de construir a escola. Pediu-se um terreno ao gerente da Ultramarina. Este prometeu, mas ainda não cedeu. Entretanto, começou a chover, e nem vale a pena pensar em obras neste tempo.

Muitas crianças vêem-se obrigadas a percorrer grandes distâncias para frequentar a escola em outros bairros. Chegam à aula completamente encharcadas. Ou então nem sequer aparecem. Ao fim do ano, não têm o aproveitamento suficiente para passar.

Conceição Ferreira Pinto dá aulas a uma turma da primeira classe num anexo da Escola Che Guevara. Ao princípio, tinha 34 alunos, dos quais três desistiram. Propôs 21 a exame. Quatro não apresentaram a certi-

ção de nascimento, embora esta lhes tenha sido necessária para a matrícula. «Desinteresse dos pais», concluiu Conceição. Apenas 17 alunos estão aptos a passar de classe.

## UM BAIRRO ESCURO

A falta de instalações é uma queixa constante e quase unânime. Não há instalações para projectar um filme, nem para montar um posto sanitário. Mas é preciso começar pelo princípio: não há instalações onde as pessoas possam viver com um mínimo de condições.

Erguidas em tijolos secos ao sol e cobertas de colmo, as casas são feitas para durar pouco tempo. O clima da Guiné-Bissau não favorece a sua duração. As chuvas fortes de Agosto e Setembro em breve destroem a cobertura. A humidade infiltra-se nas paredes e condena-as à ruína. Em princípio, estas casas primárias deviam ser reparadas todos os anos. Mas nem toda a gente tem possibilidades de o fazer.

«Tomara a gente ter dinheiro para comer todos os dias», diz uma mulher do bairro. Com efeito, a média de salários dos trabalhadores do Cupelon anda pelos 2 mil, 2 mil e 500 pesos. E há serventes que ganham apenas 1 conto e 500. Só quem trabalha por conta própria — alfaiates, comerciantes — pode consertar as casas durante a estação seca. Nas outras, não é raro chover sobre as camas.

Para tornar as casas mais sólidas, os vidros das janelas foram, em muitos casos, substituídos por chapas de zinco. Isso faz com que dentro de casa seja sempre noite. Poucas habitações são dotadas de instalação eléctrica. Mas mesmo nestas, a iluminação é tão fraca que não permite enfiar uma agulha à luz da lâmpada. A excepção da estrada da Cintura, todo o Cupelon está entregue à escuridão.

Visto de fora, cada bloco parece grande e espaçoso. Mas está dividido em várias moradias. Cada família,

geralmente, ocupa apenas uma divisão. Para aproveitar espaço, as camas são tipo beliche. Uma doença contagiosa encontra nestas condições, o terreno ideal para se propagar. A casa de banho é um requinte que os habitantes do Cupelon não conhecem. Em sua substituição, abrem uma fossa ao lado da casa, que protegem dos olhares alheios com ramos de árvore. É também nesse cubículo improvisado que se lavam, com a água que as mulheres e os miúdos acarretam das torneiras públicas, pois não há água canalizada, como não existem esgotos.

O aspecto das casas condiz com o aspecto do bairro em geral. As ruas não passam de passeios esburacados, que nunca viram asfalto. A erva cresce ali à vontade, do mesmo modo que o lixo se amontoa livremente nas covas. O presidente do Cupelon de Cima queixa-se: «A população junta-se para limpar o bairro, mas não pode dar escoamento ao lixo. A Câmara também não vem buscá-lo. Pedimos um carro à Câmara, prometem-nos, ficamos à espera e o lixo continua a amontoar-se na rua, provocando mau cheiro e doenças».

As campanhas de limpeza são feitas em regime de trabalho voluntário. A população é mobilizada nas reuniões do comité. Estas realizam-se todas as semanas. O responsável pelo Cupelon de Baixo confessa-nos que a sua grande dificuldade consiste em mobilizar a população. O presidente do Cupelon de Cima explica que os problemas mais focados são a questão da unidade e a necessidade de vigilância. Os problemas concretos do bairro vêm só em terceiro lugar. As pessoas reúnem-se ao ar livre, em frente do comité. «Quando não chove, vem muita gente. Principalmente mulheres e crianças».

## DINHEIRO PARA COMER

Por muito que as questões políticas possam interessar as pessoas, o que

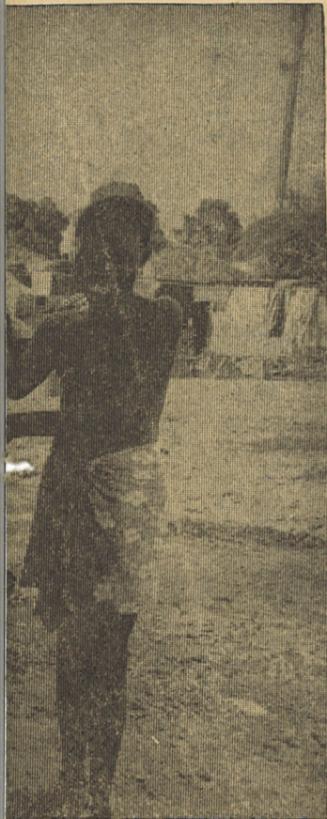
mais as preocupa hoje são os problemas que o dia a dia lhes coloca directamente. Arranjar comida para a família é um dos mais cruciais. Primeiro, é preciso dispôr de dinheiro para comprar a alimentação e, segundo o presidente do Cupelon de Baixo, «a maioria das pessoas não tem dinheiro para comer». Depois, ainda é necessário procurar géneros. A vida de muitas mulheres do bairro é um vaivém constante entre bichas do arroz, a da carne e a do peixe.

Os Armazéns do Povo instalaram uma loja em cada parte do bairro. Mas estão longe de satisfazer as necessidades da população. Encontram-se abastecidas de tabaco e vinho argelino (a 55 pesos a garrafa), mas o arroz chega a faltar durante duas semanas seguidas. A população queixa-se de que os responsáveis descuidam-se do seu trabalho, não providenciando o necessário para abastecer o mercado. Aqueles, por sua vez, sustentam que as instalações de que dispõem não têm as mínimas condições de armazenamento. Temem, inclusivamente, ser roubados, já que no bairro há desemprego e miséria. Se isso acontecesse, já não seria a primeira vez.

Há ainda as lojas dos mauritanianos, no Cupelon de Cima, recheadas de maços de cigarros, bolachas, sabonetes e pastas de dentes. Mas não têm artigos de primeira necessidade. Além disso, a gente do bairro não tem grande simpatia por eles. Acusa-os de especulação e açambarcamento. Ao contrário dos senegaleses (antigos refugiados ou seus filhos), se integraram perfeitamente na vida do bairro e se consideram filhos da Guiné, os mauritanianos, desde que fecham as portas das lojas, vivem num mundo à parte. A hostilidade das pessoas magoos, mas procuram retribuí-la com a indiferença.

Os senegaleses (suruús) dedicam-se geralmente à costura e são exímios na arte de bordar. Gente importante de Bissau, e mes-

(Continua na página 8)



# Arroz e vinho desviados dos Armazens do Povo

Quatro homens foram presos em Bissau, aguardando a ida a tribunal, onde serão julgados por furtos de mercadorias aos Armazens do Povo. Um deles foi surpreendido em flagrante quando tentava desviar para sua casa um carregamento de 570 quilos de arroz, que depois revenderia. Dois outros desviaram da Alfândega para uma loja do Povo de Bandim 12 tambores de vinho (com 210 litros cada). O encarregado da loja comprometeu-se a entregar-lhes o dinheiro da venda, contando obter uma compensação pelo favor. Os quatro homens responderão por crime contra a propriedade do Estado, arriscando-se a apanhar penas de prisão maior.

Amaro, de 45 anos é encarregado dos Armazens do Povo. Sempre que chegava uma remessa de arroz, cabia-lhe confirmar se o peso estava certo, verificar se vinha em boas condições, separar o que estava impróprio para venda, registar tudo nos livros. Também era ele que controlava o envio de arroz aos comerciantes. Tudo ficava assente nos livros e, quando se efectuava o balanço, as contas davam certas.

Há pouco tempo, havia chegado ao Armazém uma remessa de mais de 1.700 toneladas de arroz. Cem sacos vinham rotos e o arroz que continham — dez toneladas — foi retirado do lote. Deste arroz, impróprio para venda, o encarregado costumava oferecer, todos os dias, cinco quilos aos trabalhadores. Mas isso só se soube mais tarde, na polícia.

Naquele dia, como era habitual, Amaro saía de casa, no Cupelon de Baixo, às primeiras horas da manhã, a caminho de trabalho. Não havia muito que fazer. O encarregado passou a manhã a tirar arroz dos sacos para os outros numa operação aparentemente normal. Depois transportava-os para uma carrinha que estava em frente. De vez em quando, o fiscal rondava por ali.

Ao princípio da tarde, a carrinha continha seis sacos com quase cem quilos de arroz cada um. O encarregado preparava-se para a fazer sair. O fiscal parou e quis saber: «para onde vai este arroz? O encarregado mencionou o nome de um comerciante. O outro, que tinha passado a manhã a rondar, abanou a cabeça em sinal de dúvida. O encarregado mostrou uma guia de remessa ao fiscal. Este mandou-o prender.

## INTERROGATÓRIOS

Foi no dia 15 de Agosto. Aos interrogatórios da polícia, o homem continuou a responder que o arroz se destinava a um comerciante. A polícia foi saber: o comerciante negou que o arroz fosse para ele. Na esquadra, Amaro continuava a negar que o arroz estivesse destinado a seguir para a sua casa, onde o venderia a alguns amigos. Recordava a mulher, a mãe, os seis filhos menores. Tinha medo de ficar preso uma data de anos e negava, negava sempre. Só ao fim de sete dias confessou. No lugar do arroz que pretendia levar para a sua casa, colocaria arroz dos sacos arrombados, que não era contado. Assim, ninguém daria por nada.

E contou mais... Anteriormente já desviara cinco sacos de arroz, que depois vendera a amigos. Ninguém soube. Os empregados viam-no sair com o arroz mas, aparentemente, julgavam que destinava a algum comerciante. Os vizinhos viam-no descarregá-lo em casa, em pleno dia, mas não faziam qualquer observação. No armazém o arroz destinado aos clientes, ficava contido em dois sacos, um dentro de outro, em vez de um. Cada saco pesava um quilo. Por cada saco de reforço o encarregado retirava um quilo de arroz. Juntava-o e guardava-o para si. O arroz que desviou da primeira vez foi obtido assim. As contas de-ram certas, ninguém suspeitou.

Quando lhe perguntaram por que motivo se apoderou da mercadoria que pertencia ao Estado, Amaro respondeu que tinha necessidade disso para poder sustentar a família. Ganha 5 mil pesos por mês mas

só a renda de casa leva-lhe 1.600 pesos. Na casa são nove pessoas e só o filho mais velho (20 anos) é que trabalha. Os mais pequenos ainda estão a estudar. «Agora, não», diz Amaro. «Agora estão todos a chorar.»

## FALTOU VINHO

No mesmo dia em que o Amaro foi surpreendido a tentar furtar arroz, os serviços de controle dos Armazens do Povo deram pela falta de 12 tambores de vinho. Há tempos, chegara ao porto de Bissau um barco carregado de vinho. Os Armazens do Povo iam-no levantando a pouco e pouco da Alfândega. No dia 15, verificou-se que ainda faltava levantar 2.520 litros, em 12 tambores. Mas estes não se encontravam nos armazéns do porto. Alguém os tinha levado.

Consultados os registos, verificou-se que o vinho tinha sido levantado, em quantidades parciais, pelo empregado dos Armazens do Povo, Talibé. Mas este, em lugar de o transportar para a sede, como seria normal, levou-o para uma loja de povo de Bandim, onde o entregou ao encarregado Fernando.

Nesse mesmo dia, o despachante oficial Domingos Cardoso foi procurado pelo empregado do armazém do porto, Zeca. Nervosamente, este pedia-lhe que retardasse por alguns dias o processo sobre a saída do vinho. O despachante não compreendeu e limitou-se a dizer que já era tarde: o processo estava a correr e não estava nas suas mãos fazê-lo parar.

Pouco depois Talibé procurou, por sua vez, o despachante. Repetia o pedido do Zeca. O despachante, desconfiado, quis saber o que se passava. Ficou a saber que o desvio do vi-

nho para o Bandim fora efectuado por Talibé, com a conivência do Zeca. Tencionavam dividir o produto da venda, que era assegurada pelo encarregado da loja do povo. Rendia mais de 70 mil pesos. Agora, insistia junto do despachante para que «aguentasse» o processo. Esperava-se a chegada do navio Niassa, transportando nova remessa de vinho, e nessa altura, compensariam o que faltava na Alfândega. Ninguém chegaria a dar pelo sucedido.

O despachante recusou. Como as coisas já se encontravam, disse, era impossível retardar o processo. No entanto, não quis denunciar ninguém. Esperava que as coisas viessem a esclarecer-se por si mesmas. Só quando foi chamado à polícia, revelou as conversas que tivera com o Zeca e com Talibé. Foram as suas declarações que ajudaram a polícia a desvendar o caso que tinha na sua frente.

## NEGÓCIO A TRÊS

Talibé foi detido no próprio dia em que se deu pela falta do vinho. Interrogado, não tardou a confessar que tomara a iniciativa de o desviar para o Bandim. Com mais reservas, denunciou o papel do amigo, o Zeca. Mas este, quando chamado a prestar declarações, negou que tivesse tido qualquer participação no furto. Era-lhe fácil negar: o vinho saía sob uma aparência legal. Havia guias que documentavam a sua entrega e ele, Zeca, lavava as mãos sobre o destino do produto.

Mas Talibé insistia que Zeca era conivente no furto. Foi preciso fazer uma acareação. As informações continuavam a ser contraditórias, cada um desdizendo o outro. Até que um deles mencionou o nome do despachante. Domingos Cardoso foi chamado a prestar declarações. Contou o que sabia. O Zeca ficou sem saída.

## NO PINTCHA

Trisemanário do Commissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábados.  
Serviço Informação das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina.  
Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil.  
Telefones: — Redacção 3713/3728. — Administração e Publicidade — 3726  
Assinaturas — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde  
Um ano ... .. 400,00  
Seis meses ... .. 250,00  
Outros Países Africanos e Portugal.  
Um ano ... .. 500,00  
Seis meses ... .. 300,00  
Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»  
— Caixa Postal, 154.  
BISSAU — GUINÉ-BISSAU

## FARMACIAS

HOJE — Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.  
AMANHÃ — Central — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.  
SEGUNDA-FEIRA — Higiene — Rua António N'Bana, telefone 2520.

## TELEFONES

Hospital «Simão Mendes» — 2888/2867  
Bombeiros — 2222  
POLÍCIA: 1.ª Esquadra — 3333 ÷ 2.ª Esquadra — 3444  
CORREIOS: — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto 3001/4 — TAP 3991/3 — TAGB 3004 — Aeroflot 3002 — Air Argelie 3775/7  
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS:  
Águas e Electricidade 2411 — (das 7 h. às 17 h.)  
Assistência à rede eléctrica 2414 — (das 16 h. às 24 h.)  
Chegadas e partidas de navios — 2922/5

## RADIO

**SÁBADO — Primeiro período de emissão**  
5h 55min — Abertura; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em Mandinga e Fula; 7h — Noticiário/Português e Crioulo; — Actualidades Sonoras (repetição); 8h — Encerramento.  
**Segundo período de emissão**  
11h 55min — Abertura; 12h — Programa — Fim de Semana; 13h — Música Crioula; 13h 15min — Noticiário/Português e Crioulo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a sua Obra/Crioulo; 13h 45 min — Pro-  
testo; 15h — Encerramento.  
**Terceiro período de emissão**  
16h 55min — Abertura; 17h — Noticiário/Português Crioulo e Línguas; 17h 30 min — Programa em Balanta e Manjaco; 18h 45min — Agenda do Dia; 19h — Assistência Cultural; 20 — Noticiário/Português e Crioulo; 20h 30min — Mornas e Coladeiras; 21h — Actualidades Sonoras; 22h — Música Variada; 23h — Tempos Novos; 24h — Encerramento.  
**DOMINGO — Primeiro período de emissão**  
5h 55min — Abertura; 6h — Canções da nossa Terra; 6h 10min — Programa em Fula; 7h — Noticiário/Português e Crioulo — Actualidades Sonoras (repetição); 8h — Educação Sanitária; 9h — Selecção Musical; 10h — Ligação à Sé Catedral; 10h 45min — Dus Corpo um Corçon; 12h — Fala di África; 13h — Música Crioula; 13h 15min — Noticiário/Português e Crioulo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a sua Obra/Português; 13h 45min — Noites Africanas; 14h 15min — Programa em Biáfada e Manjaco; 15h — Encerramento.  
**Segundo período de emissão**  
16h 55min — Abertura; 17h — Noticiário/Português e Crioulo; 18h — Programa em Fula e Mandinga; 18h 45min — Agenda do Dia; 19 — A Semana no Mundo; 20h — Noticiário/Português e Crioulo; 20h 30min — Programa em Balanta; 21h — Actualidades Sonoras; 22h — Orda Semanal; 23h — Tempos Novos; 24h — Encerramento.  
**SEGUNDA-FEIRA — Primeiro período de emissão**  
5h 55min — Abertura; 6h — Canções da nossa Terra; 6h 10min — Programa em mandinga; 7h — Noticiário — Actualidades Sonoras (repetição); 8h — Encerramento.  
**Segundo período de emissão**  
11h 55min — Abertura; 12h — Canções da nossa Terra; 12h 20min — Selecção Musical; 13h — Música Crioula; 13h 15min — Noticiário/Português e Crioulo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a sua Obra/Português; 13h 45min — Programa da Mulher; 15h — Encerramento.  
**Terceiro período de emissão**  
16h 55min — Abertura; 17h — Noticiário/Português, Crioulo e Línguas; 18h 45min — Agenda do Dia; 19h — Ano Um de Organização; 20h — Noticiário/Português e Crioulo; 20h 30min — Prevenção Rodoviária/Crioulo; 21h — Actualidades Sonoras; 22h — Cata-vento; 23h — Tempos Novos; 24h — Encerramento.

## CINEMA

HOJE — Às 18 h. 30 min. — «Melody» — realização de Waris Hussein com Jack Willd, Mark Lester e Tracy Hyde — m/12 anos. Às 20 h. 45 min. — «O justiceiro amarelo» — realização de Wong Hung Chong com Wong Jung e Chiao Chiao — m/18 anos.  
AMANHÃ — Às 20 h. 45 min. — «O justiceiro amarelo» — realização de Wong Hung Chong com Wong Jung e Chiao Chiao — m/18 anos.  
SEGUNDA-FEIRA — Às 20h 45min — filme a anunciar.

## ANUNCIOS

### Convocatoria

Com vista aos preparativos do 20.º aniversário do PAIGC, a Comissão Nacional da UNTG, convoca todos os membros dos Comitês das empresas comerciais e industriais para uma reunião que terá lugar no próximo dia 2 de Setembro, pelas 15h, na sede do Comité 3 de Agosto, junto

ao Hotel Pidjiguiti. A reunião será presidida pelo camarada Paulo Correia, presidente do Comité de Estado da região de Bissau.

### Tradutor

A Embaixada da República Árabe da Líbia na Guiné-Bissau precisa de um tradutor de francês. De preferência que o candidato tenha um

pouco de conhecimento da língua inglesa. Os interessados devem contactar com Ali Maatoug, no Hotel 24 de Setembro das 9 h. às 12 h.

### Aviso

A firma Barbosas e Comandita com a sede em Bissau, comunica que cessou todas as actividades. Pede também a todos os devedores o fa-

vor de procederem a liquidação dos seus débitos nos armazéns do povo, secção de contabilidade.

### Vende-se

Um carro Ilman Unter 1700. Os interessados devem contactar na Rua Vitorino Costa, casa n.º 23.A, Apartamento n.º 5.

**Laos**

**1.º aniversário do poder popular**

VIENTIANE (TASS) — Reuniões solenes e «meetings» de massa marcaram, na República Democrática Popular do Laos, o primeiro aniversário do estabelecimento do poder popular revolucionário na antiga zona de Vientiane. Há um ano o povo, conduzido pelo Partido Popular Revolucionário do Laos, expulsava os funcionários e os militares reacionários dos seus últimos bastiões. Vientiane e Louang Prabang.

A totalidade do poder passava para as mãos do povo revolucionário. Myn Somvitchit, presidente do Comité Popular Revolucionário da capital, declarou perante milhares de participantes ao «meeting» de Vientiane que esse dia tinha uma importância particular na história do país e marcou a partida para uma nova etapa do desenvolvimento do conjunto do país.

**Prosseguem os tumultos nas cidades da África do Sul**

**Aumenta a ajuda militar ao regime racista de Vorster**

MOSCOVO (TASS) — «O Ocidente aumenta a ajuda militar ao regime de Vorster», escreve o Izvestia. «Intimidados pelo vasto movimento de resistência, o regime de Vorster aumenta o seu potencial de guerra. Este ano, os créditos concedidos às necessidades militares da RSA aumentaram 40 por cento, em relação a 1975 e atingiram o número recorde de 850 milhões de libras esterlinas. Os racistas são ajudados pelas corporações monopolistas, que, violando o embargo estabelecido em 1963 pelo Conselho de Segurança da ONU, continuam a vender armas à RSA. O exército da RSA é equipado de armas modernas fabricadas pelos Estados Unidos, França, a Itália e por países ocidentais».

A imprensa inglesa escreve que por intermédio do Ministério da Defesa da Grã-Bretanha, a RSA obtém o acesso aos documentos oficiais da Nato. Uma venda, concluída ultimamente entre a companhia «Frama-

ton» (capital francês, belga e americano) e Pretória, prevendo fornecimentos de equipamentos para a indústria atómica da RSA, têm claramente um carácter militar.

«Um papel muito particular no equipamento militar da RSA pertence a Telaviv. O bando militar israelita desenvolve um grande esforço para modernizar o exército sul-africano.

É evidente que Israel, cuja economia é experimentada pela crise crónica, não teria podido fazer as despesas necessárias para assegurar a fabricação das armas fornecidas à RSA se não recebesse da parte dos Estados Unidos e dos países da Nato uma ajuda generosa sob forma de diversos créditos e empréstimos. Por outros termos, isso significa, escreve o «Washington Post» que Telaviv serve de intermédio para que países ocidentais forneçam a sua ajuda ao regime de Vorster.

**170 PESSOAS PRESAS SEM CULPA FORMADA**

JOANESBURGO (AFP) — Cento e setenta e uma pessoas, a maior parte das quais negras, estão detidas na África do Sul devido à aplicação de leis que permitem a prisão sem culpa formada por períodos de seis meses a um ano, escreve o «Rand Daily Mail» que publica uma lista dos prisioneiros. De acordo com esta lista, a maior parte dos 76 dirigentes das organizações africanas foi presa nas últimas duas semanas, assim como vários sindicalistas e universitários brancos — entre os quais dois britânicos — mestiças e indianos.

Entretanto, duas escolas secundárias arderam nas cidades africanas de Porto Elizabeth, onde os confrontos com a polícia causaram na quarta e na quinta-feira 33 mortos e 33 feridos.

«O governo sul-africano mostrou, negando até à confrontação os direitos dos negros» que a única lingua-

gem que está pronta a utilizar é a da violência, declararam num comunicado a semana passada os chefes de sete dos oito bastiões «grupos tribais» da África do Sul. O comunicado comum pede a organização dum encontro com o primeiro ministro para discutir os acontecimentos nas cidades africanas das zonas industriais e a organização de uma «conferência», em que poderiam participar os dirigentes presos.

Reclamam também a libertação dos líderes africanos ou a sua inculpação.

«Os líderes dos bantustãos — à excepção do Transkei e do Bophu tatswana — afirmam a sua oposição total à independência dos bantustãos. «Não queremos abandonar o nosso direito natural a sermos africanos e a nossa participação na economia e na riqueza do país, que construímos», afirma. «Passou o tempo das concessões que não satisfazem as aspirações do homem negro», sublinha o comunicado.

**A população mundial duplicara nos próximos 40 anos**

WASHINGTON (AFP) — Se a população mundial, avaliada em quatro biliões de pessoas em 1975, continuar a aumentar ao ritmo actual, duplicará nos próximos 39 anos, indica um relatório publicado na quarta-feira pelo Departamento americano do Comércio.

Segundo esse estudo, in-

titulado «População Mundial de 1975», a taxa de crescimento da população nos países em vias de desenvolvimento passou de 1,8 por cento em 1950/55, a 3,5 em 1970/75, porque a taxa de mortalidade diminuiu bastante mais depressa do que a taxa de natalidade. Ao contrário, nos países industrializados a taxa de crescimento desceu de 1,3 por cento a 0,8.

**Agostinho Neto recebeu bispo da Igreja Evangélica**

LUANDA (AFP) — Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola (RPA) recebeu na terça-feira, em Luanda, o bispo americano da Igreja Evangélica, Ralph Edward Dodge, expulso de Angola em 1961 por ter ajudado nacionalistas angolanos a juntarem-se ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Segundo o «Diário de Luanda», o reverendo Dodge regressou pela primeira vez, depois de ter sido expulso pe-

la «Pide», a polícia portuguesa do antigo regime, que tinha descoberto as suas actividades a favor dos nacionalistas angolanos.

Os observadores interpretaram, em Luanda a audiência concedida pelo Presidente Neto ao reverendo Dodge, como a confirmação de que o MPLA está decidido a garantir a liberdade religiosa no país mesmo depois da proclamação da via socialista.

**«JORNAL ANGOLA» DENUNCIA ESPECULAÇÃO DA IMPRENSA**

O «Jornal de Angola» denuncia na quinta-feira, no seu editorial, as especulações feitas por «uma certa imprensa estrangeira sobre os encontros que os presidentes Agostinho Neto e Kenneth Kaunda tiveram durante a recente cimeira dos países não alinhados em Colombo, e em Lusaka».

Segundo essa mesma imprensa, os presidentes angolano e zambiano teriam discutido a possibilidade de negociações entre o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) com a Unita (União Nacional para Independência Total de Angola), de Jonas Savimbi.

O editorial, que classifica a Unita como «um grupo criminoso e politicamente morto, refugiado na Zâmbia», acrescenta que «o facto de ter havido alguns contactos com grupos de bandidos que não conseguiram atravessar a fronteira, permitiu aos comerciantes da especulação política, especular sobre uma pretensa ameaça à soberania nacional de Angola».

Após ter sublinhado que essas especulações são desprovidas de «senso comum, de observação e de realismo político», o editorial considera como normal que a FNLA de Holden Roberto e a Unita tenham necessidade de inventar «toda a espécie de fantasias para justificar os milhares de dólares que gastam nos hotéis».

O «Jornal de Angola» escreve que, além disso, esses mesmos especuladores escondem «as descargas de material de guerra, não obstante os desmentidos de certos chefes de estado, quando se conhece os números das placas de matrícula dos camiões que os transportam de outro lado da fronteira angolana».

**Beirute — O terror permanente**

BEIRUTE (AFP) — Uma violenta explosão seguida de pesadas detonações em série, que ora se afastam, ora se aproximam, fazendo vibrar os muros, barulho dos vidros que partem de encontro aos passeios, o gosto de poeira que assoma a garganta. Gritos. E no momento o grito das viaturas que, motor a fundo e os freios parados, transportam os primeiros feridos para os hospitais.

É desde há uma semana o ambiente dos bairros este e oeste de Beirute, onde os beligerantes se entregam, dia e noite, a duelos morteiros de artilharia que esgotam os nervos dos habitantes que não puderam fugir, ainda, do inferno de Beirute.

Nesta cidade, que é a sombra do que era há dois anos, onde mais de metade de um milhão dos seus habitantes foram mortos pelos combates ou fugiram, onde bairros inteiros são devastados, onde já não há água nem electricidade há dois meses, os sobreviventes vivem na contínua obsessão dos obuses que a todo o momento pode destruí-los.

Nem nos bairros «cristãos», nem nos bairros «muçulmanos» ou «progressistas», ou ainda nos campos palestinos, os obuses de 155 milímetros ou os morteiros de 120, que explodem, possuem objectivos precisos.

Segundo a expressão utilizada pelo jornal libanês, é preciso «aterrorizar» o campo adversário.

Um obus pode, por vezes, como foi o caso de quinta-feira, na escola italiana de Beirute, cair num pátio onde brincam as crianças cansadas da guerra.

Pode penetrar num apartamento onde dorme uma família. Alguns projecteis caem perto dos pontos de água onde se reúnem os habitantes, ou explodem diante de uma padaria onde as pessoas fazem bicha.

Várias dezenas de obuses caem também por dia no bairro moderno de Hamra (Beirute-oeste), onde existem os mais importantes centros de negócios onde as maiores sociedades internacionais desertaram uma a uma.

No sábado ao fim da tarde, 15 obuses caíram à volta de um prédio. Um atingiu um banco soviético de 20 andares, em construção. Pedacos do andaime foram projectados por cima do prédio da AFP para cair no pátio interior.

Do outro lado da rua, Raymond Edde, personalidade política cristã, recebeu pedaços de morteiro no seu escritório quando conversava com uma delegação de padres italianos. Um deles salvou-se porque abaixou a cabeça no momento preciso do cair do obus.

No meio da tarde de sábado, o mesmo sector foi de novo bombardeado com artilharia pesada como todos os dias. Várias dezenas de obuses fizeram tremer o bairro. Ainda explodiu um morteiro. Um outro entrou nos escritórios de uma sociedade japonesa, no 16.º andar do «Centro Verdum», construção de vidro de 17 andares. Os outros dispersaram-se no bairro, enquanto se ouvia as sirenes das ambulâncias.

**Abertura do Conselho de Segurança**

NAÇÕES UNIDAS-NOVA YORK (AFP) — O Conselho de Segurança abriu na quarta-feira à tarde a sua sessão sobre o diferendo grego-turco no Mar Egeu, durante a qual deve pronunciar-se sobre uma resolução das quatro potências ocidentais, pedindo o começo do diálogo entre Atenas e Ankara. No texto oficial sobre o litígio, submetido ao voto de quarta-feira, o Conselho de Segurança, «exprimindo a sua preocupação acerca das relações actuais entre a Grécia e a Turquia» e desejoso de conseguir «uma resolução pacífica dos diferendos», pede aos governos da Grécia e da Turquia para começarem negociações directas, afim de chegarem a soluções mútuas aceitáveis.

**URSS Morte do ministro da Indústria**

MOSCOVO (AFP) — Leonid Loukitch, vice-ministro da Indústria pesada há onze anos, morreu, anunciou na quarta-feira a agência Tass. Loukitch fez uma grande parte da sua carreira na região de Dniepropetrovsk, na Ucrânia, donde era originário. Foi nomeado secretário do Comité do Partido da região, ao mesmo tempo que Leonid Brejnev, secretário-geral do PC soviético era primeiro secretário de 1947 a 1950. Loukitch foi igualmente primeiro vice-ministro da Indústria pesada ucraniana e presidente de Sovnarkhozes (organismo de direcção de regiões económicas). Recebeu quatro ordens de Lenine.

**Comunicado da Polisário**

ARGEL (AFP) — A Frente Polisário anunciou ter ocupado «totalmente durante três horas, a 16 de Agosto, antes de destruir, um posto militar mauritaniano situado em El Arkoub. O comunicado da Polisário, publicado em Argel, precisa que apesar da intervenção de uma «esquadilha de F-5 marroquinos para prestar socorros ao inimigo», os combatentes saharianos tornam-se donos do posto mauritaniano. Declara que um soldado mauritaniano foi feito prisioneiro após este ataque e «vários cidadãos que se encontravam sob dominação das forças mauritanianas foram libertados». Os combatentes saharianos, acrescenta o comunicado, incendiaram nove veículos e recuperaram uma importante quantidade de armas e munições, assim como três «Land-Rover».

**Lusaka reunião de ministros do Interior**

LUSAKA (AFP) — Os ministros da Defesa e do Interior da Zâmbia, da Tanzânia e de Moçambique, reuniram-se em Lusaka, a fim de discutirem questões de segurança respeitantes aos seus países. Esta reunião foi presidida pelo ministro zambiano do Interior, Aaron Milner, que abriu oficialmente os debates. A delegação tanzaniana foi chefiada pelo ministro do Interior, Ali Mwinyi, e a de Moçambique pelo ministro da Defesa, Alberto Chipande.

## Cupelon nos ultimos tempos a base mais forte do PAIGC na capital

(Continuação das centrais)

Um homem responde calmamente:

«Agora andamos à vontade. Ninguém prende as pessoas na rua sem mais nem menos. Já não há palmatória. Não se bate num tipo só por ser negro».

E conclui: «É esta a grande modificação que sentimos depois de o Partido entrar em Bissau».

Ou seja: o medo acabou no bairro. Durante a noite, ninguém teme ouvir passos na rua. Estranho que entre no emaranhado de ruas e palhotas, também não tem que recear. Até há dois anos, não era assim. Poucos estrangeiros se atreviam a entrar no «Pilum». Os soldados portugueses persignavam-se e diziam: «Ali não, ali há perigo». E espalhavam pela cidade que o Cupelon era um bairro de criminosos e de selvagens só porque não se atreviam a reconhecer a infiltração do PAIGC no local. «Não éramos muitos, mas tínhamos força», conta um velho militante lembrando esse tempo.

Hoje, ninguém tem medo de ser denunciado. O presidente do comité do Cupelon de Baixo afirma que toda a gente está com o Partido. Os que não são militantes, são simpatizantes. Pode haver um certo exagero nestas palavras, (as dificuldades em mobilizar a população confirmam-no) mas o certo é que ninguém olha para o vizinho com medo de ser denunciado por não estar com o Partido. Isso foi noutro tempo. Num tempo em que os colonialistas aproveitavam a miséria do povo para arrancar segredos entre pais e filhos.

Mas a miséria persiste. O bairro não o oculta. Não saberia ocultá-la. E há gente que se debate entre o desânimo e a esperança. Desânimo porque em dois anos as suas condições de vida quase não mudaram. Esperança porque o PAIGC é, quem manda na Guiné-Bissau agora.

### Obras em Cacheu

O presidente da Cooperativa de Construções Unidade e Progresso esteve na segunda-feira em Cacheu, para visitar o trabalho de execução de algumas obras. Depois disso, reuniu-se com o responsável do Comité de Sector e analisou aspectos relacionados com o funcionamento da cooperativa.

mo estrangeiros, deslocam-se frequentemente ao «Pilum» para encomendar vestidos. É também no Cupelon que vivem as famílias saracolés que tradicionalmente se dedicam a tingir os panos azuis que se vendem no mercado. Antigamente, este trabalho estava entregue às mulheres. Com a intensificação da procura de panos e o aumento do custo de vida, homens e crianças viram-se obrigados a participar. Cada família tem a sua pequena indústria. Não dependem de patrões.

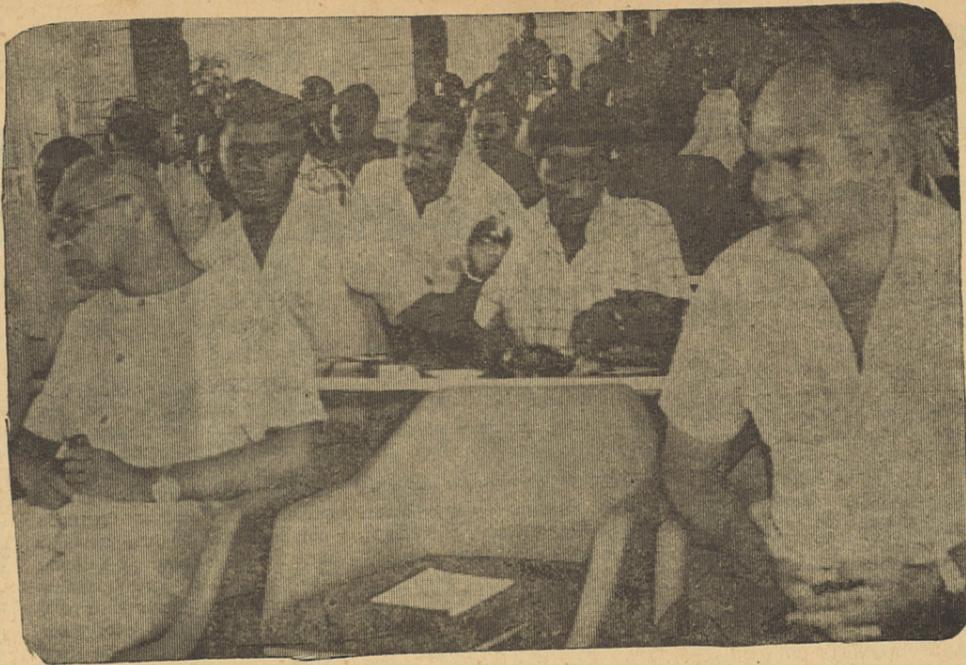
### UM OUVIDO EM LISBOA

Num bairro onde as mais prementes necessidades do dia a dia continuam por resolver, não admira que a vida cultural seja quase inexistente. Está praticamente limitada ao trabalho da JAAC. Mas este é bastante escasso, porque não encontra resposta por parte da juventude do bairro. Os jovens, quando têm dinheiro preferem ir aos bailes da UDIB em vez de organizar festas no local onde vivem. Mesmo os grupos artísticos que se formam no bairro, mal se julgam aptos a actuar em público, procuram logo apresentar-se nas salas do centro de Bissau. No Cupelon de Baixo há um grupo teatral em formação, que já sonha com apresentações na Associação Comercial. No Cupelon de Cima formou-se um grupo musical, «Os Sete Muçulmanos», que por enquanto ensaiam no comité.

Raramente passam filmes no bairro. Não há instalações que permitam a projecção. Num destes sábados chegou a estar prevista a exibição de um filme no largo do comité: a paécran. Mas nesse dia choveu, e a projecção não foi realizada.

O futebol continua a ser o grande factor de mobilização da população. O facto de não haver equipa no bairro, não impede a realização de jogos: improvisam-se grupos de casados e solteiros. O futebol é também o grande factor de convívio. Aos domingos, as pessoas visitam-se para escutarem em conjunto o relato dos jogos de Bissau. Os que têm telefonias mais potentes ligam para a Emissora Nacional de Lisboa e acompanham o Benfica-Sporting ou o Porto-Académica.

O que mudou no bairro depois da independência?



## A REUNIAO DO CONSELHO SUPERIOR DA LUTA DO P.A.I.G.C.

O Primeiro-Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, que se encontra em Bissau para participar na reunião do CSL, afirmou à sua chegada:

«Há um ano que fizemos a última reunião do CSL e durante esse tempo tiveram lugar grandes transformações nas nossas vidas. Além disso realizámos alguns trabalhos a nível do Partido e do Estado. Esta reunião é para fazer a apreciação das nossas actividades. Verificar o que foi feito, o que não foi, o que é preciso fazer e com certeza o que é preciso rectificar. Depois do cumprimento do programa menor do nosso Partido com a libertação da Guiné e Cabo Verde, temos ainda à nossa frente a realização do programa maior. Nesse sentido, é preciso que a Direcção do Partido se debruce sobre ele e trace a linha de acção para atingir esse objectivo».

A República irmã de Cabo Verde encontra-se mais este ano com grave crise da seca. As perspectivas de um bom ano agrícola, que se previa ao princípio, foram-se desvanecendo, embora as conclusões só possam ser tiradas no fim do próximo mês de Setembro. A esse respeito o camarada Pedro Pires, afirmou: «As chuvas estão bastante atrasadas e como tal, tudo indica que vamos ter algumas dificuldades. Mas partindo do princípio de que é necessário prevenir, não podemos ficar à espera que cheguem os últimos momentos, para depois tomarmos as medidas precisas. Tendo em consideração este atraso começámos já na última reunião de Conselho de Ministros realizada quarta-feira passada, a estudar o problema. Encarregámos os

Ministérios que estão mais ligados a certos tipos de trabalhos, para apresentarem planos de emergência. Decidimos também, nessa reunião, contactar os países amigos, a ONU e outras organizações internacionais, para lhes explicar-mos as perspectivas difíceis que enfrentamos, e pedimos a ajuda para solucionarmos os problemas».

«Estamos a fazer um grande esforço para traçarmos uma série de projectos, que estarão ligados a criação de infraestruturas sobretudo na agricultura. Escolhemos alguns camaradas para elaborarem os projectos e estamos convencidos que dentro de 15 dias teremos alguns prontos. Devemos fazer esforço para nos libertarmos do problema das chuvas. Não podemos continuar todos os anos

à espera que isso ou aquilo aconteça. Por isso, com seca ou sem seca, queremos avançar com os projectos. Para isso procuramos ajuda do exterior, para criar as condições e para nos libertarmos pouco a pouco da dependência das chuvas».

«Contudo estas coisas não podem fazer-se de um dia para outro. São precisos anos. A criação de infra-estrutura levam anos e anos. A nossa ideia, é que com bom ou mau ano agrícola, devemos lançar as suas bases. Porque só elas libertarão a nossa terra do dilema das chuvas. Um mau ano agrícola tem um efeito negativo na nossa economia, pois obriga-nos a importar grande quantidade de géneros alimentícios e sabemos que não temos divisas nem fontes de recursos».

## Alfabetização expoe emblemas

Os quatro melhores desenhos apresentados a concurso para o emblema do Movimento de Alfabetização podem ser vistos numa exposição inaugurada na quinta-feira à tarde no Comissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura. O Juri decidiu atribuir dois primeiros prémios: a Alexandre Herculano da Silva, da equipa de Alfabetização de Tombalí, e a Silvestre, da equipa de Chão de Papel — Varela (Bissau). Dos desenhos destes concorrentes, um vai ser adaptado

para o emblema de Alfabetização. O terceiro e quarto prémios foram, respectivamente, para a Jaiajaló e Carlos Alberto, a ambos da Brigada Pansau Na Isna. Concorreram cerca de 40 pessoas.

A exposição da Alfabetização, que se manterá aberta até aos primeiros dias de Setembro, mostra vários outros aspectos do trabalho daquele departamento. Os participantes no curso de reciclagem realizado recentemente deram um importante contributo, elaborando jornais murais sobre as suas actividades.

## ULTIMAS NOTICIAS

### Africa do Sul: Ações anti-racistas

MAPUTO (TASS) — Há três dias que sucedem em Bonteheuwel, «ghetto» da Cidade do Cabo, onde vivem mais de meio milhão de pessoas de origem asiática, acções anti-racistas. Os tumultos em Bonteheuwel marcaram uma reviravolta no desenvolvimento actual da África do Sul. Os jornais sul-africanos assinalam que essas manifestações são reveladoras da ligação dos dois milhões e meio de pessoas «de cor» à luta activa dos africanos contra o «apartheid».

### E.U.A. — Veto a admissao do Vietname na O.N.U.

WASHINGTON (AFP) — Os Estados Unidos opõem o seu veto à admissão do Vietname à ONU, estima-se em Washington, depois da deposição da candidatura de Hanói à Assembleia Mundial. A proximidade das eleições, pensam os observadores, só poderá levar o Presidente Ford a não ceder nesse ponto.

### "Pasionaria" e Carrilho proibidos de entrar em Espanha

MADRID (AFP) — O governo espanhol recusou passar passaportes a Dolores Ibarruri, presidente do Partido Comunista de Espanha, e a Santiago Carrillo, secretário-geral do PCE. Uma nota governamental precisou que o regresso dos dois dirigentes comunistas criaria «graves problemas de segurança» ao plano nacional.

### Menção na India

NOVA DELI (AFP) — Mais de 350 pessoas morreram durante a monção de Verão, na Índia, indicou-se em Nova Deli. As chuvas torrenciais e as inundações destruíram ou danificaram cerca de 150 mil casas nos oito estados afectados pela monção, e os desgastes elevam-se a mais de 47 milhões de dólares, segundo as primeiras estimativas oficiais.

### "Voz do Vietname"

HONG-KONG (AFP) — A Rádio-Saigão, captada em Hong-Kong indicou que a um de Setembro deixaria de ter essa denominação, fundindo-se com a Rádio-Hanói para formar a «Voz do Vietname». Rádio-Saigão acrescentou que o governo tinha considerado que depois da reunificação do Norte e do Sul, a estação tinha terminado a sua tarefa de órgão do antigo governo provisório da República do Vietname do Sul. A estação tornar-se-á, pois, a delegação saigonense da «Voz do Vietname» de quem dependerá a radiodifusão do país.